

A DEMOCRATA

ENTREVISTA

ESTHER MUCZNIK

"EU DIRIA APENAS QUE, NO GERAL, AS PESSOAS GOSTAM DE VÍTIMAS, ASSIM SOSSEGAM AS SUAS CONSCIÊNCIAS, MESMO QUE NÃO FAÇAM NADA. OS JUDEUS NÃO SE ASSUMEM COMO TAL, ATÉ PORQUE SE HABITUARAM A NÃO ESPERAR NADA DE NINGUÉM"

Pág. 12

CÂMARA ALTA

"A JSD nunca desiste das novas gerações"

por Alexandre Poço

Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

"As circunstâncias e o apelo da política"

por Maria Luís Albuquerque

Pág. 12

LARANJA MECÂNICA

"A JSD e o 25 de novembro"

por António Lacerda

Pág. 18



EDITORIAL

A Hidra de 3 Cabeças!

Depois de três bancarrotas em 1977, 1983 e 2011 decorrentes da acção governativa de três governos socialistas desastrosos para Portugal, inauguramos este mês o terceiro pântano socialista neste século. O primeiro com António Guterres, o segundo com José Sócrates e agora o terceiro com António Costa.

Depois de 17 anos de sucessivos governos do PS que só nos puxaram para baixo enquanto país social, económico e cultural.

Depois de dois Primeiros-Ministros investigados em casos de corrupção, com que desfaçatez é que o Partido Socialista se pode apresentar a eleições legislativas com um discurso em que alguém acredite?

Será que vale tudo? Como pode Pedro Nuno Santos, discípulo de José Sócrates e Ministro de Costa corporizar um homem de Estado que nos possa governar?

Estamos perante a "Hidra de Três Cabeças Socialista", artilosa, ilusória e venenosa, que tudo seca à sua volta. É a antítese do que queremos para Portugal.

O número três é um número importante para o PS como podemos verificar, pelas bancarrotas, pântanos e Primeiros-Ministros investigados por corrupção.

Depois de José Sócrates e António Costa, queremos ter o terceiro elemento desta equipa a governar Portugal?

Olhe... "faça as contas". Eu fiz e não quero mais socialismo. É que os Portugueses ao longo deste tempo todo perderam muito!



LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012

Registo na ERC: n.º127932

Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012 -

Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa – jsd@jsd.pt - www.jsd.pt

Director: Luís Nunes dos Santos

Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa

Concepção Gráfica: Gomes de Almeida & Associados

Impressão: GRAFISOL – Artes Gráficas – Rua das Maçarocas

Abrunheira Business Center n.º03 – Abrunheira – 2710-056 Sintra

Periodicidade: Mensal

Tiragem: 100

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA
Pág. 23

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM
Pág. 24

FAZER A DIFERENÇA
Pág. 25

LOJA JOTA
Pág. 26



João Pedro Louro
Secretário Geral da JSD

LIBERDADE E DEMOCRACIA

Desenganem-se aqueles que consideram que as próximas eleições serão apenas uma luta entre o Partido Social Democrata e o Partido Socialista. Ou entre a esquerda e a direita. Ou entre Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos.

Nas próximas eleições, joga-se muito mais do que a luta pelo poder da governação. Trata-se de uma luta pela liberdade e pela democracia, princípios que podem parecer garantidos, mas que atravessam dias cada vez mais turbulentos. Esta turbulência é evidente pois ninguém é verdadeiramente livre se não tiver acesso à educação, à saúde, à habitação ou a um salário digno, direitos que têm sido tão prejudicados pelo Partido Socialista.

No mesmo sentido, nenhum país pode afirmar-se exemplarmente democrático quando um Governo procura, constantemente, condicionar a justiça, desrespeitar a separação de poderes e recorrer, sistematicamente, ao populismo para se manter no poder.

Por isso, no dia 10 de março, a escolha é importante mas simples: votar na liberdade, na democracia e no PSD. Ou continuar a (sobre)viver com o PS no poder.

SOBE E DESCE



LUÍS MONTENEGRO

PARTIDO SOCIALISTA

A DEMOCRATA

FICOU PARA A HISTÓRIA

“Se agirmos sempre com dignidade, talvez não se consiga mudar o mundo, mas haverá um canalha a menos.”

John F. Kennedy
35º presidente dos Estados Unidos (1917 - 1963)



MOULES AVEC FRITES

Carlos Coelho



BIFES À SÃO BENTO

Tiago Moreira de Sá



“VAMOS ESQUECER A EUROPA?”

Nas últimas eleições europeias (2019) mais de 50% dos cidadãos europeus foram às urnas. Em Portugal, porém, foi cerca de metade desse valor: só 30% dos portugueses votaram. A ideia que somos menos europeus que os outros não é compatível com os dados do Eurobarómetro que todos os semestres elegem os portugueses como os mais empenhados na construção europeia. No próximo ano corremos o risco de agravar o problema. A realização das eleições, 3 meses após as eleições legislativas pode acentuar esta abstenção. Os eleitores que acabam por votar nas europeias para dar um “cartão amarelo” ao governo nacional não terão esse estímulo face a um executivo que acabou de tomar posse.

O provável e preocupante aumento da abstenção não ilude, porém, a crescente importância da União Europeia para o nosso futuro colectivo.

Acredito firmemente que a UE precisa de reforçar a sua capacidade e legitimidade para assumir e aplicar decisões em mais domínios. Ao contrário dos que querem menos Europa, creio que precisamos, isso sim, de mais e melhor Europa. Na saúde aprendemos com as respostas ao Covid que a UE pode e deve ser uma mais-valia; na defesa e segurança assistimos a uma mudança na percepção da urgência de uma política europeia depois da invasão da Ucrânia pela Rússia e a habitação é um exemplo actual de um problema que se manifesta (embora com diferentes matizes) em todos os Estados-Membros. Nestas como noutras matérias devemos ter mais Europa e respostas inovadoras. Não podemos estar permanentemente condenados a reagir com soluções de emergência às crises que nos surpreendem. As abordagens ad hoc podem ter sido justificadas pela urgência de uma resposta rápida, mas a UE deve aprender com as boas e más práticas e tirar conclusões para o futuro.

É também essencial não reduzir o esforço para a transição ambiental e digital e reforçar a proteção do Estado de Direito, dos seus valores fundamentais e da legitimidade democrática na UE,

não ficando reféns nem de Estados terceiros, nem de Estados-Membros que não cumpram os valores fundamentais da União. E devemos ter respostas claras sobre o problema das migrações, a natureza das nossas fronteiras, o princípio da livre circulação de pessoas, o aumento dos recursos próprios e o Orçamento da União de forma a não colocar em causa o objectivo da coesão económica, social e territorial. Devemos ainda tornar as instituições da UE prontas para o alargamento, mesmo que este seja substancialmente adiado.

Estes desafios não impactam apenas o futuro interno na UE. As decisões tomadas durante o próximo mandato vão definir a estratégia da União ao enfrentar questões globais durante décadas, consolidando (ou não) a posição da UE como ator responsável e comprometido no palco internacional.

Por isso 2024 não será apenas crucial para mudar a política interna e dar um melhor Governo a Portugal. É fundamental que os 21 Deputados que vamos eleger em Junho ajudem a construir uma Europa mais resiliente, inclusiva e orientada para o futuro e não utilizem Bruxelas e Estrasburgo para erodir o projecto europeu e dar palco a discursos radicais.

É importante que em 2024 não esqueçamos a Europa. Uma Europa que não é apenas das mercadorias, dos serviços e dos capitais mas que tem de ser das pessoas, dos cidadãos!

UMA POLÍTICA EXTERNA QUE SABE O QUER

Não restam quaisquer dúvidas de que os dias que vivemos são de profunda transformação do mundo. Tal como em Vestefália, Viena, Versalhes, Potsdam e a Queda do Muro de Berlim, vemos hoje ocorrerem mudanças sistémicas no equilíbrio de poderes internacionais.

Até os mais idealistas percebem que as potências totalitárias revisionistas, como a Rússia, o Irão e a Coreia do Norte, estão empenhadas em aproveitar o fim da estabilidade unipolar para atacar em várias frentes a Ordem Internacional Liberal e Democrática.

O projeto de paz e de valores a que dedicámos grande parte das nossas vidas está hoje ameaçado pelo regresso da Guerra. A invasão da Ucrânia pela Rússia trouxe a Guerra de volta ao flanco oriental da Europa. O ataque do Hamas a Israel trouxe a Guerra novamente ao Médio Oriente.

Portugal precisa, por isso, mais do que nunca de ter uma política externa que saiba o que quer e não ande à deriva, ao sabor do politicamente correto.

A política externa portuguesa tem de ter como ponto de partida a assunção de que somos um país relativamente pequeno, com escassez de recursos e uma alta dependência do exterior. Desde praticamente a fundação de Portugal que somos dependentes do exterior para a nossa segurança, para o nosso desenvolvimento socioeconómico e até para alimentarmos o nosso povo. Tudo isto é agravado pela nossa persistente condição de Estado altamente endividado ao exterior.

Desta condição de Estado Exíguo e Exógeno decorre uma das características estratégicas mais importantes de Portugal, como seja a necessidade constante de alianças externas como forma de garantir a segurança e a viabilidade nacional.

Como refiro no livro Política Externa Portuguesa, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, a necessidade constante de alianças externas traduziu-se historicamente na fórmula clássica da “Dupla Aliança”: a aliança com a grande potência europeia e a aliança

com a grande potência marítima atlântica.

Quis o destino que numa grande parte da nossa história a função da “Dupla Aliança” fosse conseguida apenas com a Aliança Inglesa – dada a sua condição simultânea de maior potência europeia e maior potência marítima atlântica. Quis a Guerra Fria que, geopoliticamente, os Estados Unidos fossem essencialmente uma potência europeia e, desse modo, pudessem substituir o Reino Unido nessa função da política externa portuguesa. Na corrente situação internacional a questão da “Dupla Aliança” volta a ser premente e traduz-se, em concreto, na Aliança com os Estados Unidos (a grande potência marítima atlântica) e a Alemanha (a grande potência europeia).

É, assim, difícil compreender o posicionamento do governo português nos dois grandes acontecimentos internacionais dos nossos tempos: Ucrânia e Israel.

No caso da adesão da Ucrânia à União Europeia optámos pela via francesa de colocação permanente de dificuldades a essa adesão em vez de alinharmos com a posição de EUA e Alemanha de apoio inequívoco.

No caso de Israel optámos por votar uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas de forma diferente dos norte-americanos (que votaram contra) e dos alemães (que se abstiveram). Acresce que votámos num sentido diferente da maioria dos países da União Europeia (abstenção) e de todos os Estados atlânticos mais relevantes, como o Reino Unido, a Holanda, a Dinamarca e a Islândia. E ainda desperdiçámos a oportunidade de nos distinguirmos internacionalmente da Espanha.

Agora que Portugal se prepara para novas eleições e que teremos um novo governo podemos devolver a coluna vertebral à política externa portuguesa, reforçando as suas alianças tradicionais, reparando o eixo atlântico e aprofundando a ligação ao centro do poder do eixo europeu.

Com os olhos postos no futuro, honremos a nossa história e agarremos essa oportunidade com as duas mãos.

CÂMARA ALTA

A JSD NUNCA DESISTE DAS NOVAS GERAÇÕES

Por Alexandre Poço

Depois do revanchismo da geringonça entre PS e a esquerda radical, Portugal passou a viver com uma maioria de bloqueio do Partido Socialista, incapaz de resolver os problemas concretos dos portugueses, e em particular, das novas gerações. Porém, sempre capaz de rejeitar as ideias e propostas com origem na oposição, como é o caso das propostas da JSD. Uma maioria que não fez, nem deixou fazer.

Desde que a maioria absoluta de António Costa entrou em funções e até à sua demissão depois do descalabro do atual Governo e do apodrecimento da maioria socialista, a JSD não tem parado de apresentar soluções e propostas concretas para dar resposta às situações mais dramáticas. Foram mais de 35 os projetos de lei, projetos de resolução e propostas orçamentais da JSD nas mais diversas áreas, desde o rendimento dos jovens à habitação, passando pelo trabalho, saúde mental, educação, ensino superior, ciência, cultura, desporto, ambiente, natalidade e agricultura. O resultado destas propostas tem sido invariavelmente o chumbo por parte da maioria de bloqueio do PS.

Independentemente da sua qualidade, do seu mérito e da possibilidade de resolver situações pendentes a necessitar de ação urgente, a autoria das mesmas – a JSD – tem sido razão que baste para que os socialistas reprovem todas as iniciativas. Não obstante, a JSD não desiste das novas gerações e, independentemente do tamanho do muro, temos continuando a apresentar e a colocar em cima da mesa as nossas propostas. Ora, no passado dia 14 de novembro, as o Grupo Parlamentar do PSD apresentou as suas propostas de alteração ao Orçamento do Estado para 2024. Dentro destas, encontram-se 16 propostas da Juventude Social Democrata. Nesta edição da revista A Democrata, destacamos nesta Câmara Alta essas propostas:

1. **Taxa máxima de 15% de IRS para os jovens:** Regime fiscal para as novas gerações com uma taxa máxima de IRS de 15% (excluindo o último escalão de IRS) para os jovens até aos 35 anos.

2. **Instrumento de garantia pública na compra da primeira casa, eliminando a entrada atualmente exigida:** Instrumento de garantia pública até 10% do valor do imóvel, com um limite do valor do imóvel até 250 000 €, na contratação de crédito à habitação por parte de jovens até aos 35 anos.

3. **Isenção de IMT na compra da primeira casa:** Isenção de IMT até aos primeiros 250 000 € na compra da primeira habitação por parte de jovens até aos 35 anos.

4. **Isenção de Imposto do selo na compra da primeira casa:** Isenção de Imposto do Selo até aos primeiros 250 000 € na compra da primeira habitação por parte de jovens até aos 35 anos.

5. **Contratação permanente de unidades de Alojamento Estudantil:** Reforço do número de camas para os estudantes deslocados através da celebração de protocolos de alojamento estudantil entre o Estado e unidades privadas de alojamento, setor social, autarquias e Pousadas de Juventude.

6. **Construção de residências estudantis em parceria público-privada:** Promoção da construção de residências em parceria público-privada, com possibilidade de regime dual, permitindo a conversão em unidades de turismo no período de férias, de modo a gerar rendimentos adicionais, incentivar o investimento e baixar os custos finais para os estudantes.

7. **Cheque Psicólogo:** Criação do Cheque Psicólogo para assegurar, a nível nacional, o acesso pleno a cuidados de saúde mental, garantindo um mecanismo de cobertura financeira a cuidados de psicologia ou psicoterapia.

8. **Alarga o acesso às bolsas e apoios sociais a todos os trabalhadores-estudantes:** Acaba com a discriminação entre trabalhadores-estudantes dependentes e independentes, garantindo que o vínculo laboral não prejudica os trabalhado-

A JSD continua na Linha da Frente a lutar pelo presente e futuro das novas gerações.

res-estudantes no acesso a apoios sociais, nomeadamente bolsas de estudo e pensões de sobrevivência.

9. **Reforça o rendimento de todos os trabalhadores-estudantes:** Isenção do pagamento das contribuições para a segurança social, aumentando assim os rendimentos disponíveis numa fase crucial da vida académica destes jovens.

10. **Aumento da dedução em sede de IRS das despesas de formação e educação:** Aumento do montante, permitindo-se a dedução à coleta das despesas de educação até ao limite de 1 500 €, em vez dos 800 € atualmente em vigor, e até aos 2 400 € quando se trate de mensalidades, anuidades ou propinas da educação pré-escolar, dos ensinos básico, secundário e superior.

11. **Reforço dos incentivos à atividade física:** Instituição da dedução à coleta de IRS de um montante correspondente a 30% do IVA suportado em atividades de ensino desportivo e recreativo, atividades dos clubes desportivos e atividades de ginásio e fitness.

12. **Voucher Cultura para Jovens:** Criação do Voucher Cultura para Jovens no valor de 120€, atribuído no ano em que fazem 18 anos, para a aquisição de bens e serviços culturais, facilitando assim o acesso universal e diversificado dos mais jovens à cultura.

13. **Redução do IVA para a taxa mínima na alimentação para bebés:** Proposta de redução da taxa de IVA dos atuais 23% para 6% (taxa reduzida) para alimentos transformados à base de cereais e alimentos para bebés.

14. **Maior proteção social aos Bolseiros de Investigação:** Alargamento do atual regime de Seguro Social Voluntário, permitindo que os bolseiros possam descontar de acordo com o seu nível de rendimentos e com a correspondente contribuição social por parte das instituições financiadoras, o

que hoje não acontece.

15. **Mais incentivos para a eficiência energética:** Majoração na determinação do lucro tributável em sede de IRC, considerando em 140% do respetivo montante dos gastos relativos a investimentos com a eletrificação e eficiência energética.

16. **Taxa reduzida de IRS para os Jovens Agricultores e Jovens Empresários Rurais:** aplicação da proposta de 15% máximo de IRS para os jovens aos “Jovens Agricultores” e “Jovens Empresários Rurais” até aos 40 anos.

A JSD continua na Linha da Frente a lutar pelo presente e futuro das novas gerações.





SÃO CAETANO ÀS LAPAS

AS CIRCUNSTÂNCIAS E O APELO DA POLÍTICA

Maria Luís Albuquerque

Ao contrário de muitos dos companheiros do PSD, o meu percurso na política não passou por uma juventude partidária, não por uma opção deliberada, mas apenas porque as circunstâncias da minha vida pessoal não o proporcionaram. Na verdade, nunca cheguei sequer a ponderá-lo nessa altura. Concluí os estudos, entrei na vida profissional e, ainda que sempre acompanhando a política nacional, continuei a não sentir o apelo para um envolvimento mais ativo. Esse só veio a acontecer em 2009, quando já era por demais evidente o caminho a que Portugal estava a ser conduzido pelo governo então liderado por José Sócrates. Senti que precisava de fazer alguma coisa, de passar de espectadora crítica a participante ativa na construção de soluções e alternativas.

O mundo sofria o impacto de uma crise financeira gravíssima e a degradação da situação económica nacional, que obviamente já vinha de trás, colocava-nos numa posição de enorme vulnerabilidade. O caminho que nos poderia ter salvaguardado de grande parte dos sacrifícios que nos foram impostos era muito estreito, e as decisões do governo Sócrates ignoraram todos os sinais de alerta que nos chegavam e não foram mais que uma fuga para a frente. Inevitavelmente, destruíram a nossa credibilidade internacional e conduziram o país a uma situação de pré-bancarota e à necessidade de chamar a Troika.

A situação em que Portugal se vê hoje é ainda mais dramática, porque a nossa margem de manobra diminuiu. Mas será uma oportunidade para que outros sintam também o apelo e a necessidade de se envolver.

Tenho grande admiração pelos jovens que se envolvem, que procuram fazer a diferença a partir de um partido político e que assim demonstram acreditar, como eu acredito, que os partidos são fundamentais no regime democrático e que estar na política é uma das mais nobres atividades a que um cidadão se pode dedicar. Num tempo em que ser político parece tantas vezes ser mais cadastro que currículo, em que a desconfiança nos políticos alastra e é alimentada ativamente até por muitos dos membros da classe, uns por palavras e outros por atos, há que louvar aqueles que continuam a dar o seu tempo, o seu esforço, o seu entusiasmo, ao projeto de construção de um país melhor. Contrariamente ao que se procura fazer crer, há milhares de militantes por esse país fora, do PSD mas não só, sejamos justos, jovens e menos jovens, que não procuram obter benesses, que não têm interesses menos lícitos, e por cujo contributo devíamos, enquanto sociedade, saber estar gratos.

O regime democrático em que vivemos nas últimas décadas não foi implementado sem sobressaltos, não resultou automaticamente do 25 de abril, nem está garantido ou sequer suficientemente consolidado. Os velhos e novos populismos, de esquerda ou de direita, ameaçam a democracia portuguesa, é certo, mas não lhe causam tanto dano como o comportamento dos políticos que, sendo democraticamente eleitos para exercer o poder, o usam em benefício próprio e dos seus próximos, desperdiçando oportunidade atrás de oportunidade de dar a Portugal um futuro em que os jovens se possam rever. E cada oportunidade perdida pode ter sido a última.

É fundamental que haja jovens na política, que as juventudes partidárias sejam escolas de formação de competências e de caráter. Não deixem que vos convençam que ser político de carreira é o refúgio dos mediocres, mas sejam políticos profissionais e não profissionais da política. Saibam ser convictos, empenhados, e mantenham vivo um espírito crítico acima de toda e qualquer lealdade. Tenho pela JSD um carinho especial, como sabem muitos daqueles com quem me cruzei. Foi do seu seio que saíram grandes políticos de Portugal e de lá certamente sairão muitos mais de quem nos vamos orgulhar amanhã.



DO PONTAL ATÉ À LAPA

CRÍTICA CULTURAL

Mark Twain disse: “Grandes são os homens que fazem outros sentir que eles mesmos se podem tornar grandes!” Começo com esta frase para demonstrar a grandeza de Golda Meir, 4ª Primeira Ministra de Israel, e uso homem, para citar o que David Ben-Gurion outrora disse a seu respeito: “the best man in the government.” Apesar de este texto ser um breve resumo, ou crítica, sobre o filme GOLDA, creio ser importante fazer uma pequena caracterização histórica para atendermos ao conjunto da época em que se desenrolou a guerra do Yom Kippur.

Falar sobre a fundação do Estado de Israel,

sem escrever o nome de Golda Meir, é apagar o papel que a Matriarca de Israel teve na construção de um dos maiores aliados do ocidente, no médio oriente. Desde a fundação do Mapai que mais tarde se converteu no Partido Trabalhista de Israel, até chegar a líder do governo de Israel, Golda Meir esteve sempre no centro do projeto da construção de Israel.

Durante os 5 anos que governou Israel, talvez os mais importantes terão sido os 20 dias de Outubro de 1973, que fizeram ecoar o seu nome e a sua liderança. Para os judeus era dia santo, o Yom Kippur. Já os muçulmanos

GOLDA

de Guy Nattiv, por João Cerejo dos Santos



Durante os 5 anos que governou Israel, talvez os mais importantes terão sido os 20 dias de Outubro de 1973, que fizeram ecoar o seu nome e a sua liderança. Para os judeus era dia santo, o Yom Kippur. Já os muçulmanos estavam em pleno ramadão. Tudo começa quando a coligação entre o Egito de Anwar Al Sadat e a Síria de Hafez al-Assad atravessaram as linhas de cessar-fogo do Sinai e dos Montes Golã, que tinham sido ocupados por Israel durante a Guerra dos Seis Dias em 1967

estavam em pleno ramadão. Tudo começa quando a coligação entre o Egito de Anwar Al Sadat e a Síria de Hafez al-Assad atravessaram as linhas de cessar-fogo do Sinai e dos Montes Golã, que tinham sido ocupados por Israel durante a Guerra dos Seis Dias em 1967. Com mais tropas do lado do inimigo, o ataque dos países árabes é antecipado. A esperança que restava aos israelitas seria o apoio dos Estados Unidos, através das negociações com o Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, durante a administração Nixon. Este conflito fez com as duas superpotências dominantes na altura, os Estados Unidos da América que apoiava Israel e a União Soviética que apoiava os países árabes, entrassem num novo clima de grande tensão política e diplomática.

Yom Kippur acabou por vir a ter um grande impacto para muitos outros países. Um dos problemas que surgiu foi a crise do petróleo, quando os estados árabes que faziam parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo boicotaram o fornecimento de petróleo aos Estados Unidos e aos países europeus que reconheciam o estado de Israel, que acabou por agravar a crise económica mundial. A gestão deste conflito por parte de Israel teve o cunho de grandes nomes da história do país, para além de Golda Meir, como Ariel Sharon, Moshe Dayan, Ephraim Katzir ou David Elazar.

A Guerra do Yom Kippur teve implicações de grande alcance, pois o mundo árabe tinha passado pela humilhação da derrota da aliança egípcio-sírio-jordana em 1967, mas sentiu-se psicologicamente recompensado pelos primeiros êxitos no conflito de 1973. Os israelitas reconheceram que, apesar das impressionantes conquistas operacionais e táticas no campo de batalha, não havia garantias de que dominariam sempre militarmente os Estados árabes, como tinham feito de forma consistente durante a Primeira, Segunda e Terceira Guerras Israelo-Árabes. Estas mudanças abriram caminho para o processo de paz israelo-palestiniano.

Tudo isto leva ao desfecho da Guerra do Yom Kippur, que abriu

caminho para os Acordos de Camp David, durante a administração do Presidente americano Jimmy Carter, que levou a que o Egito fosse o primeiro país do mundo árabe a reconhecer o estado de Israel. Foi Menachem Begin, Sadat e Carter os grandes preconizadores deste acordo, que valeu o prémio nobel da paz a Begin e a Sadat mais tarde.

Golda é um retrato fascinante de uma das figuras mais marcantes da história de Israel. O filme mergulha na vida de Golda Meir, explorando sua jornada desde a sua chegada à Palestina até se tornar a quarta primeira-ministra de Israel. Interpretada de uma forma magistral pela talentosa atriz Helen Mirren, num filme que apresenta uma mulher determinada, carismática e complexa, cujas decisões moldaram não apenas uma nação, mas também o cenário geopolítico global.

A história constrói um enredo envolvente, que passa pelas suas lutas políticas, dilemas morais e as escolhas difíceis que teve que enfrentar ao longo do seu percurso político e pessoal. O filme capta a essência dos eventos históricos, levando o espectador para um dos os momentos cruciais da história de Israel. No entanto, apesar do seu retrato autêntico, o filme pode ocasionalmente pecar por simplificar ou idealizar certos aspetos da vida de Golda Meir, sem mencionar pontos importantes da sua personalidade e das circunstâncias que a rodeavam. Algumas situações complexas podiam ter sido mais exploradas para oferecer uma visão mais completa e multifacetada da líder e do seu legado. Em suma, Golda é um filme com um grande impacto, que oferece uma visão cativante da vida de uma figura icónica. Apesar das suas limitações, o filme consegue capturar a essência e a força de Golda Meir, acabando por celebrar as suas conquistas pessoais e políticas, assim como o seu impacto duradouro no panorama político mundial, que ainda hoje perdura.



Golda Meir

Golda Meir foi uma fundadora e primeira-ministra do Estado de Israel. Emigrou para a Terra de Israel no ano de 1921, onde atuou no sindicato Histadrut e no partido trabalhista Mapai. Além de primeira embaixadora israelita, na extinta União Soviética, em 1948, foi ministra do Interior, ministra das Relações Exteriores, ministra do Trabalho e secretária-geral do Mapai.

Conhecida pela firmeza das suas convicções, estava à frente do Estado de Israel no seu momento mais dramático: a Guerra do Yom Kipur, na qual tropas egípcias e sírias atacaram Israel, cuja população estava distraída pelas comemorações do Dia do Perdão judaico.

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA



“MUITO PIOR, PORQUE SE TRATOU DE UMA CARNIFICINA. FOI UM MASSACRE QUE NUM SÓ DIA CEIFOU 1.400 VIDAS HUMANAS DOS ZERO AOS 90 ANOS, MAIS DE 3.300 FERIDOS GRAVES E 242 PESSOAS (...).”

ENTREVISTA ESTHER MUCZNIK

Nasceu em Portugal no pós-guerra e nas vésperas de se fundar o Estado de Israel. Estes são os factos mais marcantes da sua infância?

Não, nessa época, eu era uma criança e mesmo mais tarde, os meus pais nunca falavam na guerra e no Holocausto, foi na adolescência que comecei a perceber o que se tinha passado e principalmente quando, aos 16 anos fui viver para Israel e fui confrontada com os inúmeros braços tatuados dos sobreviventes com o número dos campos de concentração.

A sua família foi perseguida durante o Holocausto?

A minha família paterna foi confrontada com o antisemitismo, mas não com o Holocausto, tendo saído antes, do que então era o Império Austro Húngaro. Em contrapartida, o meu avô materno que era jurista em Varsóvia, foi expulso da ordem por ser judeu, tendo saído da Polónia com a família antes da Segunda Grande Guerra. Infelizmente, familiares que lá permaneceram morreram no Holocausto, nomeadamente duas jovens primas da minha mãe.

Ao fim de quase 80 anos após o fim da II Guerra Mundial, como é que se consegue continuar a avivar a memória do “Nunca Mais”, nomeadamente junto das novas gerações?

Nunca acreditei no “Nunca mais” e não acho que se deva “avivar a memória” das novas gerações nesse sentido. Muito pelo contrário, acho que se deve dar a conhecer o que se passou, sem poupar as sensibilidades e alertando para a sua possível repetição, embora obviamente sempre de forma diferente. É o que fazemos há 14 anos quando criámos a Associação Memória e Ensino do Holocausto – Memoshoá, trabalhando com as escolas de Norte a Sul de Portugal.

Qual é para si a melhor definição de terror?

Para simplificar, é o que se passou no dia 7 de Outubro: um ataque inesperado a pessoas inocentes e sem defesa, com

requintes desumanos de crueldade e de desdém pela vida humana.

Sendo uma estudiosa dos temas judaicos, qual deve ser para si o principal foco de combate ao antissemitismo?

O conhecimento é a melhor forma de combater os estereótipos e as teorias da conspiração que normalmente preenchem o vazio da ignorância. Conhecer a história judaica, a sua cultura, os seus contributos à humanidade, a diversidade do que é ser judeu, etc... É o que faremos no futuro Museu Judaico que estamos a preparar. Mas contra a ignorância voluntária de carácter ideológico, há pouco a fazer.

Como é que avalia o nível de antissemitismo em Portugal? E como nos comparamos com outros países europeus?

Comparativamente com a maioria dos países europeus, a expressão pública do antissemitismo em Portugal é limitada, o que não significa que não haja antissemitas. Creio que há duas razões para isso: a primeira deve-se à pequena dimensão das comunidades judaicas em Portugal e em consequência a sua pouca visibilidade pública. Mas há outra razão, na minha opinião bastante significativa e que tem a ver com a história judaica em Portugal, ou seja, a assunção real ou imaginada, por parte de muita gente em Portugal, de uma origem cristã-nova, ou cripto-judaica. Creio que Portugal é o único país da Europa, onde há pessoas que querem ser judias pelo menos de origem. Acho isso muito interessante...

Está o ensino das comunidades judaicas, das suas tradições, origens e ligação a Portugal a ter impacto positivo na negação das ideias hediondas do Holocausto que por vezes ainda se leem e ouvem?

Acho que sim, nomeadamente sobre o tema do Holocausto, sem dúvida. Mas o impacto das tradições, da cultura e dos contributos judaicos a Portugal ao longo da história, ainda é limitado. Aliás esse será o papel principal do futuro Museu.

O que podemos esperar da recém-criada Coordenação Nacional da Estratégia Europeia para combater o antissemitismo e promover a vida judaica no nosso país?

Por enquanto, nada foi feito. Acho que seria necessário fazer um diagnóstico da visão que os portugueses não judeus têm sobre os judeus, tal como seria interessante saber como os judeus se vêem a si próprios como portugueses. Quanto à promoção da vida judaica, é um trabalho que tem de ser levado a cabo em conjunto entre judeus e não judeus. Contrariamente ao que acontece hoje, os média deviam também ser mais sensíveis a eventos judaicos que infelizmente nunca têm eco nos média.

Usando o título do seu artigo de opinião no Público de dia 12 de outubro: “Eternos maus da fita”, sabe explicar a origem desta visão tão culturalmente difundida face aos judeus e aos israelitas?

É certamente a pergunta mais difícil de responder, porque também difícil de compreender. Eu diria apenas que, no geral, as pessoas gostam de vítimas, assim sossegam as suas consciências, mesmo que não façam nada. Os judeus não se assumem como tal, até porque se habituaram a não esperar nada de ninguém e, em consequência a lutar e a trabalhar por si próprios para construir as suas vidas. E em muitos casos são bem-sucedidos, o que frequentemente gera sentimentos contraditórios, estereótipos e teorias da conspiração.

Na sua visão, o que é que explica Israel ser um país, desde a sua fundação, tantas vezes mal retratado na opinião publicada?

A Ignorância é uma das explicações: muitas pessoas acham que Israel é um país ilegítimo apesar da sua criação ter sido votada pelas Nações Unidas em 1947; acham que foi Israel que desencadeou as guerras de que foi alvo, e acham principalmente que Israel controla Gaza e a Cisjordânia e as respectivas populações, quando se sabe que Gaza é dominada pelo Hamas desde 2007 e a Cisjordânia pela Autoridade Palestiniana de Mahmoud Abas que não tem eleições desde 2006. E não perdoam que em 75 anos de vida, Israel construiu um país democrático e muito mais desenvolvido do que a maioria dos que o rodeiam. Mas também é verdade que ao aumentar sucessivamente os colonatos na Cisjordânia, nomeadamente com o actual governo, Israel também contribui negativamente para a sua imagem e sobretudo para uma pacificação entre os dois lados.

O dia 7 de outubro de 2023 foi para si um novo Pogrom como vimos, por exemplo, na Noite dos Cristais em 1938 ou durante toda a II Guerra Mundial?

Muito pior, porque se tratou de uma carnificina. Foi um massacre que num só dia ceifou 1.400 vidas humanas dos zero aos 90 anos, mais de 3.300 feridos graves e 242 pessoas raptadas e levadas para Gaza como reféns, entre os quais bebés e crianças de 2,3 ou 4 anos. O massacre não foi levado a cabo apenas com armas, mas sim entrando em casa das pessoas, nomeadamente nos Kibutzes fronteiriços, violando mulheres e crianças, mutilando e queimando pelo fogo bebés, homens e mulheres de todas as idades. Nesse Sábado, o dia mais sagrado do judaísmo, Israel foi alvo de uma orgia diabólica por parte de terroristas treinados e apetrechados pelo Hamas, tendo por trás a mão e o ódio do Irão. Tudo isto está documentado pelas fotos tiradas pelos próprios terroristas e hoje acessíveis a quem quiser saber.



Como é que viu as polémicas declarações do Secretário-Geral da ONU, António Guterres, sobre o ataque do Hamas?

Não sei se é realmente o que António Guterres pensa, mas acho que esteve mal porque para quem ouviu as suas palavras entende-as claramente como uma justificação do que aconteceu no dia 7 de Outubro. Infelizmente, acho que acabou por contribuir para o ódio a Israel.

O que é que bloqueia a solução do conflito israelo-palestino? Ainda há esperança para resolver este problema de décadas?

O que bloqueou desde o seu início a solução do “conflito israelo-palestino”, não foram os palestinianos, mas sim a oposição sistemática dos países árabes da região ao reconhecimento de Israel, levando a cabo desde a sua criação, as quatro grandes guerras contra Israel das quais o país saiu sempre vencedor. Com o passar do tempo, a criação da OLP dirigida por Arafat e a sua recusa inicial de reconhecimento e negociação com Israel, levou a um impasse, ao qual Israel se foi habituando e que de provisório se tornou permanente, contribuindo para bloquear a solução do conflito. Mas a esperança nunca morre porque a convivência pacífica é vital para a sobrevivência de ambos os povos.

Para si, qual a melhor aprendizagem que devemos retirar da cultura e religião judaica?

É sem dúvida a importância do estudo que no judaísmo é fulcral desde sempre. O analfabetismo sempre foi raríssimo, porque estudar, saber ler, escrever e questionar, sempre foi uma obrigação religiosa, alargando-se à vida secular. A resistência à assimilação é também um elemento fundamental na sobrevivência judaica às perseguições ao longo dos séculos.

É uma escritora com vasta obra publicada, sobre que tema será o seu próximo livro?

Já está pronto, mas ainda em segredo.



ESTHER MUCZNIK
ESCRITORA E COLUNISTA



LARANJA MECÂNICA

A JSD e o 25 de novembro

// Portugal tinha democracia - mas uma democracia tolerada"

por António Lacerda

1º Presidente da JSD

Sem o 25 de novembro, hoje, em Portugal, 49 anos após o 25 de abril, não haveria liberdade, Democracia, Estado de Direito ou União Europeia. Portugal não seria, eventualmente, uma Coreia do Norte ou uma Cuba, mas seríamos a Venezuela da Europa.

"Fascistas para o Campo Pequeno", pregava o Otelo Saraiva de Carvalho, ao mesmo tempo que lamentava não ter tido a "formação que o habilitasse a ser o Fidel Castro da Europa".

Fascistas na época, eram todos os portugueses que não eram marxistas, leninistas ou maoístas. O que não impediu o MRPP, partido "maoísta do proletariado" de ser ilegalizado, juntamente com os partidos do Progresso e Democrata-Cristão.

Se é certo que, sem o 25 de abril da liberdade, não teria havido

o 25 de novembro – reação ao 11 de março e à tomada do poder e da rua, pelos marxistas pró-moscovo. O Sol da Terra, sendo a União Soviética... sem o 25 de novembro a bandeira de Portugal teria hoje, sobreposto ao escudo das quinas uma estrela de cinco pontas. Vermelha? Amarela? Preta? Que diferença faria a cor? Uma estrela!

Viver em Portugal após o 11 de março de 1975 e em particular após o 12 que se lhe seguiu, com nacionalizações/confiscação da economia portuguesa. As ocupações de propriedades e herdades, as campanhas de dinamização cultural do MFA (leia-se: reeducação de todos aqueles que querendo ser livres e amantes de uma sociedade de tipo ocidental, recusavam o marxismo vigente), os saneamentos selvagens nas universi-

dades, de alunos e professores, levaram à degradação pedagógica de todas as faculdades do país, com a exceção da Faculdade de Medicina do Porto, graças à JSD, mas à custa de ver militantes e simpatizantes seus serem gratificados com agressões que os levarem múltiplas vezes a ter de recorrer aos serviços médicos de urgência. Mas saneamentos, zero!

O clima no país no “verão quente”, do Gonçalvismo, em 1975, era de pré-guerra civil. E a resistência sobretudo a Norte, organizou-se. O eixo Cascais-Lisboa, que votava Partido Socialista, só saiu à rua para a manifestação da fonte luminosa.

No Norte, a resistência quotidiana estava na rua, no trabalho e nas universidades (luta contra a unicidade sindical e estudantil). À “violência revolucionária”, respondia-se com “resistência democrática”.

Exemplo: A manifestação ao RASP (unidade militar esquerdista de cavalaria, segundada na “Serra do Pilar” em Vila Nova de Gaia) liderada pelo PPD do Dr. Francisco Sá Carneiro. O RASP fez sair os seus tanques de guerra e as suas chaimites e veículos blindados, para entreter os manifestantes. Neste dia houve feridos a necessitar de tratamento hospitalar. Em resposta ao apelo feito através da Rádio Renascença, dadores de sangue e pessoal médico de reforço acorreram ao Hospital de Santo António, para onde iam sendo transportado os feridos. Mortos nesse dia não houve, por puro milagre!

Mas o PPD e a JSD tiveram vários dos seus militantes e simpatizantes, feridos. Inclusive por armas de fogo, noutras manifestações. Lembro-me de um militante da JSD do Porto-Paranhos, que levou uma bala no rosto, aquando de uma manifestação junto ao extinto Rádio Club Português, a “voz de moscovo” e correia de transmissão do MFA.

Em paralelo, sempre no Norte, ocasionalmente no centro, acima de Rio Maior, que marcava a fronteira ideológica do Portugal da altura – automóveis de comunistas, relatava a imprensa, “saltavam periodicamente durante a noite e algumas sedes do PCP eram alvo de “ignição espontânea”.

A Assembleia Constituinte neste clima infernal debatia a elaboração da Constituição. Chegou a estar cercada por manifestantes comunistas durante dias. Alguns deputados foram retirados de maca. O Resultado foi a Constituição de 1976 – fruto do chamado Pacto MFA – Partidos – imposto a seguir aos 11 de março e nunca referendada, como desejava Sá Carneiro, em tratamento médico prolongado, em Londres.

Portugal tinha democracia – mas uma democracia tolerada: “Rumo ao socialismo no preambulo da Constituição; “irreversibilidade das nacionalizações”; “delimitação do sector público e privado” e a cereja em cima do bolo o “Conselho da Revolução”, com poderes legislativos em matérias militares.

Mas... a nova Constituição previa a sua revisão por maioria de 2/3. Revisão que ocorreu em 1982 e pôs fim a múltiplos desvarios. Sá Carneiro, entretanto, desaparecido, tinha deixado uma contribuição importantíssima: “Uma Constituição para os anos 80” (edições D. Quixote), que elaborou sozinho e que traduzem o pensamento do fundador e eterno militante nº1 do PPD/PSD.



**À “violência revolucionária”,
respondia-se com
“resistência democrática”.**

JSD LOOK & FEED



O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



AGENDA

É TEMPO DE ACREDITAR

A nossa agenda para os próximos tempos:
Vencer as Eleições Legislativas de 10 de março
e virar a página com um Novo Governo para
Portugal após 8 anos desastrosos de António Costa.

A JSD não faltará à chamada!



2360

O post com mais interações de novembro

TOP 5 Conteúdos do mês



1357



946



802



690

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



Ana Macieira
Vogal da CPN da JSD

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?

Optaria por fazer jejum intermitente.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Moraes ou Pedro Santana Lopes?

Pedro Santana Lopes.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou Fernando Medina?

Não existe mal menor.

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?

Ricardo Rio.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?

Não tenho qualquer tipo de ambição em atingir qualquer um destes cargos. Gosto de fazer política livremente e não há forma mais livre de fazer política, do que estar fora dos cargos de poder.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?

Votaria em branco, não identifico com nenhum dos dois possíveis homenageados.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?

Luís Marques Mendes

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

Francisco Sá Carneiro, carregamos até hoje o seu legado. O pior, Rui Rio, pela sua falta de visão de futuro.

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

O título de melhor líder de sempre da JSD eu gostaria de atribuir à Margarida Balseiro Lopes. O pior, não consigo dizer, não me lembro de nenhum que se tenha destacado pela negativa significativamente.

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim.

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Não, seria muito melhor atribuírem a presidência da TAP a alguém com conhecimento técnico e experiência na área.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

Almoçaria com o deputado Jorge Paulo da Silva Oliveira, adoraria absorver mais do seu conhecimento sobre Poder Local.

Para dividir casa escolheria o deputado Luís Gomes, música, animação e boa disposição nunca me faltaria em casa.

Acabaria por viajar com a deputada Rosina Pereira, tenho certeza que seria uma viagem bastante tranquila.

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

Adélia Silva, Presidente de Junta da União de Freguesias de Merelim São Pedro e Frossos, Braga.

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

Margarida Balseiro Lopes

15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

Já me encontro no meu lugar de sonho no PSD. Sou muito feliz enquanto Presidente da JSD concelhia de Braga

FAZER A DIFERENÇA

PS vota contra o Projeto de Lei da JSD para a criação do Estatuto do Estudante Praticante de Atividades Artísticas

O PS, isolado, foi o único partido a votar contra o Projeto de Lei da JSD que previa a criação de um Estatuto do Estudante Praticante de Atividades Artísticas. Este projeto, pioneiro em Portugal, visava garantir a promoção das Artes, enquanto se acautelaria a situação dos Estudantes que a elas se dedicam e que pretendem conciliar com o seu percurso académico. Com este chumbo socialista, os estudantes praticantes de atividades artísticas continuarão a não ter um tratamento igual em termos de direitos e deveres semelhante aos que existem no âmbito do Regime do Estudante Atleta.



JSD apresenta 16 propostas de alteração ao OE2024

Num contexto de crise política, económica e social, a JSD apresentou 16 propostas de alteração ao Orçamento do Estado para 2024. Desde o rendimento dos jovens à habitação, passando pelo trabalho, alojamento estudantil, ensino superior, ciência, cultura, desporto, ambiente, natalidade e agricultura, estas 16 propostas, sendo aprovadas, terão impactos positivos na vida dos jovens e do país. Num momento em que o PS atirou Portugal para a instabilidade, com consequências nefastas para a vida dos portugueses, a JSD não desiste e apresenta, uma vez mais, soluções concretas para os problemas e anseios das novas gerações.

JSD questiona o Governo sobre o OE2024

No âmbito da discussão do OE2024, a JSD questionou os ministros do Governo socialista sobre as opções políticas contidas neste documento. Desde o ensino superior à economia, passando pela cultura, habitação, juventude, trabalho e negócios estrangeiros, os deputados da JSD trouxeram a debate os principais temas que afligem os jovens portugueses, demonstrando que o 9.º orçamento elaborado pelo PS, à imagem dos anteriores, falha em responder aos problemas que enfrentam as novas gerações.





LOJA J



A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos itens que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2

Mais produtos e mais novidades todos os meses!



Almofada de Praia



Caderno de Notas



Meias



A Democrata



Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.

TEMOS PENA.